

Institutio oratoria VI, 2: poesia e retórica na peroração¹

Jefferson da Silva Pontes

RESUMO: Quintiliano, nas primeiras linhas do capítulo II do sexto livro da *Institutio oratoria*, apresenta-nos dois aspectos da atuação forense que devem estar presentes já na formação dos oradores: 1) o *páthos*, chamado, em latim, *adfectus*, que abarca os trabalhos da ordem das paixões e das emoções e 2) o *êthos*, o qual, para Quintiliano, não tem correspondente na língua latina, e assume os conteúdos acerca do caráter e da moral. Utilizando esses artifícios, os oradores deverão representar o infortúnio dos seus clientes empregando as *uisiones*, técnica, chamada pelos gregos de *phantasia*, a qual consiste em representar na mente as imagens das coisas ausentes como se elas estivessem diante dos nossos olhos, a fim de gerar a comoção e dispor o juiz a favor da causa defendida. Nosso interesse consiste em observar como Quintiliano reúne tais contribuições em seu texto e o tratamento desse assunto em sua obra, com base nos seis excertos da *Eneida* citados diretamente ao longo do segundo capítulo.

Palavras-chave: Poesia; retórica; *Institutio oratoria*; Quintiliano

Nas páginas em que dedica à instrução da moção dos afetos, Quintiliano, ao formar seus alunos, oferece-lhes as principais prescrições da arte da comoção, distinguindo as duas naturezas de sentimentos, os quais devem estar de posse do orador para comover a sua plateia e ao juiz. Ao longo dessas explicações, o orador recorre a excertos de um autor canônico da poesia latina para auxiliá-lo na tarefa de ensinar os oradores de seu tempo a utilizar as emoções a seu favor na construção dos seus discursos. Através de versos emprestados de Virgílio, Quintiliano elucida as estratégias de produção do apelo emocional e demarca as fronteiras dessa técnica. Nosso interesse consiste em observar como Quintiliano reúne tais contribuições em seu texto, as

¹ O presente texto é uma adaptação de algumas ideias desenvolvidas no capítulo 2 do trabalho de conclusão de curso “Páthos e Êthos no livro VI da *Institutio oratoria* de Quintiliano: poesia e drama na peroração”, apresentação ao departamento de Letras, área de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, em julho de 2014.

possíveis motivações que orientaram sua escolha, o tratamento do assunto na obra a que alude seis vezes e a sua importância no âmbito das perorações.

Desde a Antiguidade, a peroração vem sendo reconhecida como o lugar em que se deve apelar às emoções. Matthew Leigh (2004, p. 124), em seu texto *Quintiliano nas emoções*, aponta-nos que os antigos já reconheciam a peroração como o *locus* clássico do efeito emocional e que quaisquer embates que estejam embasados em emoções devem ser tidos como exemplos de peroração, bem como qualquer narração de peroração abarcará intrinsecamente o efeito emocional. Aristóteles em sua *Retórica* (1419b) identifica quatro funções para a peroração: o orador deve, por meio dela, 1) tornar seus ouvintes favoráveis à sua causa e desfavoráveis à do adversário; em seguida, 2) amplificar ou minimizar a natureza dos fatos, conforme sua necessidade; 3) suscitar no ouvinte um comportamento emocional; e, por fim, 4) recapitular os aspectos mais relevantes.

Cícero discute em seu diálogo *De oratore* (2. 310-12) a existência de três meios para tornar os homens favoráveis às causas, a saber, instruindo-os, cativando-os ou comovendo-os; e resume que apenas uma dessas estratégias deve ser levada adiante pelo orador, de modo que não pareça almejar outra coisa senão instruí-los. Os outros dois devem estar presentes ao longo de todo o discurso com a finalidade de penetrar na mente dos juízes. Para Cícero, essas estratégias devem residir nos exórdios e nas perorações, uma vez que são extremamente eficazes pela persuasão e pela comoção, tornando possível despertar a atenção não apenas dos juízes, mas também da plateia para a causa defendida.

Na *Retórica a Herênio*, encontramos uma discussão sobre como incitar a misericórdia no auditório. De acordo como os ensinamentos ali presentes (2, 50), há várias maneiras pelas quais o orador deve comover a plateia e uma delas é mostrar-se como vítima da instabilidade da Fortuna e também lamentar o seu destino ou sua sorte; indicando sempre, ou durante um longo período de tempo, estar enfrentando males e que seu ânimo será forte e paciente com os tormentos futuros. A última observação feita é que “a comiseração deve ser breve, pois nada seca mais rápido que uma

lágrima²”(ibidem).

Quintiliano, por sua vez, não especifica funções para a peroração nos dois primeiros capítulos do sexto livro, mas discute a importância de provocar apelo emocional por meio dos afetos, os quais podem surgir “ao longo de toda a causa”³. Todavia, para o orador, adentrar nesse local não é uma tarefa fácil, assim como manipular os argumentos a favor da própria causa, como fizeram os talentosos oradores (Cícero, por exemplo). O próprio Quintiliano nos assegura que aqueles que conseguiram mover e dispor o juiz segundo sua vontade através de palavras foram raros (*Inst. or.* VI, 2, 3).

Quanto aos argumentos dos quais usufruem os oradores nos processos, eles frequentemente nascem da própria causa e projetam-se para o lado mais justo, o que capacita o orador a vencer apenas pela força dos argumentos. Quando essa estratégia não é possível, o temperamento e a mente dos juízes podem influenciar a contemplação da verdade e dá-se início à atuação do orador. Em contrapartida, não compete aos litigantes ensinar os advogados a mover os sentimentos por meio das suas informações, instrução esta que também não consta nos livros processuais. Os argumentos têm por objetivo convencer os juízes da veracidade da justiça que requerem, já os afetos fazem com que os juízes considerem como sua a causa do orador.

Ao longo de suas exposições, Quintiliano apresenta-nos dois aspectos da atuação forense, que devem estar presentes já na formação dos oradores: 1) πάθος, o primeiro deles, nomeado assim pelos gregos é chamado, em latim, *adfectus*, e abarca os trabalhos da ordem das paixões e das emoções e 2) O segundo, o ἔθος, o qual, para Quintiliano, não tem correspondente na língua latina, assume, todavia, os conteúdos acerca do caráter e da moral, por isso, pode ser traduzido por *mores*. Esses, portanto, apresentam-se como estratégias emocionais através das quais o orador deve provocar agitações ou gerar complacência⁴ nos juízes.

² *Commiserationem breuem esse oportet. Nihil enim lacrima citius arescit.* (Trad. Ana Paula Celestino Faria e Adriana Seabra).

³ *Inst. or.* VI, 2, 2 - *Nam et per totam, ut diximus, causam locus est adfectibus.* (Todas as traduções da *Institutio* presentes nesse trabalho são de nossa responsabilidade).

⁴ *Inst. Or.* VI, 2, 9 - *illos persuadere, hos ad perturbationem, illos ad benivolentiam praeualere.*

A natureza de ambos os aspectos não é simples e precisa ser compreendida pelo orador para utilizá-los de modo correto em sua causa. O próprio Quintiliano nos assegura que eles são da mesma natureza, se o πάθος é o amor, o ἔθος é a afeição⁵, mas, às vezes, divergem entre si ao ponto de as emoções suscitadas por aquele afeto serem comumente aplacadas por este outro. Os afetos não devem ser utilizados apenas para ampliar a gravidade de acontecimentos que, por natureza, são deploráveis e despertam a compaixão; podem, também, fazer com que pareçam funestos até os pequenos eventos que, para alguns, são tidos como toleráveis.

Quintiliano não apenas descreve como utilizar essas estratégias, mas também faz uso de imagens com o objetivo de demonstrar o que vem ensinando no decorrer do segundo capítulo. Para essas ilustrações, ele recorre a alguns excertos da *Eneida*, obra prima de Virgílio, produzida entre 29 a.C. e 19 a.C.. A relevância desses excertos somente é compreendida na *Institutio* quando se tem ciência do contexto em que estão inseridos na obra virgiliana. Disso se vale Quintiliano ao ilustrar o *modus operandi* dos afetos que serão úteis ao orador para comover seu público. O primeiro trecho de que Quintiliano faz uso, *hoc opus eius*⁶, *hic labor est*⁷, extraído do canto sexto da *Eneida*, integra a resposta que a sacerdotisa oracular de Apolo, Sibila, concede ao herói virgiliano sobre a permissão solicitada para descer ao reino de Plutão. Segundo ela, fácil é a descida, pois as portas que guardam o reino infernal estão abertas dia e noite, mas o retornar do Averno é a tarefa que exige maior comprometimento. Esse trabalho árduo, Quintiliano compara a uma das grandes tarefas que os oradores encontrarão no fórum: fazer com que os juízes sejam comovidos a favor da causa que defendem e prenuiciem o que sentem enquanto ainda escutam o discurso.

O segundo episódio reportado na *Institutio* foi utilizado por Quintiliano a fim de exemplificar que os oradores, em algumas ocasiões, devem exagerar no teor de sofrimento que habitualmente se imputaria à causa, a fim de que sejam tratadas como as piores desgraças, mesmo que não sejam tão graves. Assim como fez Andrômaca, então

⁵ *Inst. Or.* VI, 2, 12 - *ut amor πάθος, caritas ἔθος*

⁶ O pronome *eius* não está, originalmente, inserido no verso de Virgílio e constitui uma inserção de Quintiliano para reforçar de quem é a responsabilidade desse trabalho, o qual ele vem explicando no sétimo parágrafo da *Institutio*.

⁷ “aqui é preciso todo o esforço” – tradução de Agostinho da Silva.

mulher de Heleno, nos bosques sagrados da cidade de Butroto, quando dedicava às cinzas de Heitor, seu antigo esposo, um sacrifício solene. Ao ver Eneias, ela conta ao guerreiro os motivos que desencadearam sua infelicidade durante a viagem. Compara-se a Políxena, que sacrificada outrora por Aquiles não servira como escrava para o vencedor, por meio dessas palavras: “ó feliz a filha de Príamo entre as outras, junto ao túmulo do inimigo sob as altas muralhas de Troia condenada a morrer”. Andrômaca ainda fala de quando estava sob o jugo de Pirro, a quem concebera um filho, mas foi deixada a Heleno, quando se afeiçoou por Hermíone.

As próximas referências à Eneida são o plano de fundo para a explicação do conceito de ἐνάργεια, assim nomeada pelos gregos, a qual Cícero denomina de *inlustratio* (ilustração) e *euidentia* (evidência), conforme aponta Quintiliano. As imagens utilizadas correspondem a episódios diferentes de cenas trágicas resultantes das lutas empreendidas pelos companheiros de Enéias para fundar a nova Troia. Os primeiros versos extraídos da narração de Virgílio, e de que Quintiliano faz uso, correspondem à reação da mãe de Euríalo ao receber a notícia da morte de seu único filho através da Fama, haja vista não existir descrição mais comovente do que uma mãe ter conhecimento da morte de seu filho único.

Na sequência, Quintiliano introduz as cenas em que Virgílio descreve Eneias chorando, ao ver o corpo do companheiro Palante esticado no chão após ter sido ferido pelo dardo ausônio quando retornava ao local onde estavam os corpos daqueles que foram mortos e iriam ter seus funerais. Após um lamentoso discurso, o filho da deusa Vênus pede que o corpo do companheiro seja envolto com o tecido bordado em púrpura e ouro, presente concedido pela rainha Dido, e seja levado ao seu pai, Evandro, por mil homens selecionados do exército de guerreiros, juntamente ao carro maculado com sangue dos rútilos e o cavalo Éton, que segue sem as insígnias.

A última imagem épica que Quintiliano seleciona para sua exemplificação do fenômeno apresentado faz parte da descrição da morte de Antores, um dos combatentes que acompanhou Eneias até à Itália. Segundo a narração de Virgílio, Mêzencio, um dos adversários do herói, aparece entre todos os guerreiros e imediatamente é visto por Eneias, que se prepara para a batalha vindoura. Sedento por vingar a morte de seu filho Lauso, cometida por Enéias, o rei etrusco lança um de seus dardos que foi repellido por

um escudo e atingiu a barriga do guerreiro de Argos, o qual ao cair ferido, nos últimos instantes de sua morte, se lembra da sua amada cidade.

Com os exemplos utilizados por Quintiliano, pudemos constatar que o clímax patético gerado pelas imagens acima tem alicerce em uma catástrofe comum a todos os casos, a qual se configura em cima de um sofrimento, de dores e até mortes, caracterizando os elementos essenciais para a dramatização de uma história e, concomitantemente, a criação de um incômodo emocional que proporciona um reconhecimento e uma empatia com a história descrita, por isso, devem ser tidos como meios de comoção em uma peroração.

Constatamos de igual modo que Quintiliano, ao longo de toda sua explicação, utilizou recortes menores com personagens secundários que ora se coadunam com a história, desempenhando atuação relevante, e ora aparecem mesmo que sua participação não exerça mudança na narrativa principal. Esses recortes são utilizados para exemplificar apontamentos pertinentes à prática forense, sobretudo no que concerne à moção dos afetos, isto é, Quintiliano utiliza os episódios secundários amplificando-os de forma que se tornem grandes se comparados às aventuras e contratempos enfrentados por Eneias, e ao mesmo tempo, elucida como os oradores devem agir com relação às causas defendidas e, principalmente, como usufruir dos sentimentos que delas podem ser depreendidos. O ensinamento maior, no entanto, que Quintiliano reforça ao longo de suas explicações é que “em se tratando de suscitar emoções, o mais importante é: que sejamos nós mesmos comovidos por elas⁸”. Finalmente, pudemos constatar que as citações extraídas da Eneida, ao longo do segundo capítulo do livro VI, se apresentam como evidência do diálogo existente entre a poesia e a retórica.

RÉSUMÉ: Quintilien, dans les premières lignes du chapitre II du sixième livre de l'*Institutio Oratoria*, nous montre deux aspects de l'activité judiciaire qui doivent être déjà présents dans la formation des orateurs : 1) πάθος, appelé en latin *adfectus*, comprendre les travaux de l'ordre des passions et des émotions et 2) le deuxième, ἔθος, pour Quintilien, n'a pas d'équivalent dans la langue latine, cependant assume la teneur qui pondèrent sur du caractère et de la morale, donc, il peut être traduit pour *mores*. Dans le forum, en employant les passions, l'orateurs devront représenter l'infortune expérimenté par leur client en utilisant les *uisiones*, technique, appelée par les Grecs

⁸ *Inst. orat.* VI, 2, 26 - *circa mouendos adfectus in hoc posita est, ut moueamur ipsi.*

φαντασία, qui consiste à représenter dans l'esprit les images de choses absentes, afin de générer l'excitation et disposer le juge en faveur de la cause défendue. Notre intérêt est d'observer comment Quintilien rassemble ces contributions dans son texte et le traitement de ce sujet dans son travail sur la base des six extraits de l'Enéide utilisés dans le deuxième chapitre.

Mot-clés : poésie ; rhétorique ; *Institutio oratoria* ; Quintilien.

Referências Bibliográficas

ARISTÓTELES. *Retórica*. Trad. de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. Lisboa: Imprensa Nacional, 1998.

CÍCERO. *Retórica a Herênio*. Trad. de Ana Paula Celestino Faria e Adriana Seabra. São Paulo: Hedra, 2005.

LEIGH, Matthew. *Quintilian on the Emotions* (Institutio Oratoria 6 Preface and 1-2). *The Journal of Roman Studies*, Vol. 94, 2004, pp. 122-140.

SCATOLIN, Adriano. *A invenção no 'De orador' de Cícero: um estudo à luz de 'Ad Familiares' I, 9, 23*. Tese de Doutorado. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2009.

QUINTILIANO. *Istituzione oratória*. Ed. Simone Beta & Elena D'Incerti Amadio. Milão: Mondadori, 1997.

VIRGÍLIO. *Eneida*. Trad. Agostinho da Silva. (In Virgilio, Obras, trad. Agostinho da Silva, Lisboa, Temas e Debates, 1997) Disponível em <http://en.calameo.com/read/000039711f5828b409b20>

Data de envio : 25 de novembro de 2015

Data de aprovação : 12 de janeiro de 2015

Data de publicação : 19 de fevereiro de 2015